

Usos e reaproveitamentos de produtos não vendidos em uma feira popular de Vitória da Conquista, BA

Nívia Maria **Gomes-Vieira**^{1,*} , Allayana Monique Lessa **de Freitas**¹ , Romari Alejandra **Martinez**² 

¹ Discente do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC;

² Docente do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC;

* Correspondente: allayanamoniquebio@gmail.com

Resumo: As feiras livres desempenham papel central na economia local, na preservação de saberes tradicionais e na promoção da segurança alimentar, constituindo-se como importantes espaços de sociabilidade e abastecimento, especialmente em cidades de médio e pequeno porte. Inserida nesse contexto, a feira livre do Bairro Brasil, em Vitória da Conquista (BA), destaca-se no comércio de alimentos frescos e valorização da agricultura familiar. Diante da relevância desse espaço e da necessidade de aprofundar o debate sobre perdas e desperdício de alimentos, este estudo teve como objetivo analisar a origem dos alimentos comercializados e o destino dado aos produtos não vendidos ao final das feiras de fim de semana no Mercado Municipal do Bairro Brasil. Especificamente, buscou-se identificar a origem desses alimentos, as estratégias adotadas pelos feirantes para descarte e identificar os principais produtos descartados. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, observação direta e registro fotográfico, aplicados a 19 feirantes durante os meses de outubro e novembro de 2025, aos domingos, principal dia de funcionamento da feira. Os participantes apresentaram idade média de 51 anos e tempo médio de atuação de 25 anos, evidenciando forte vínculo histórico com a atividade. Os resultados indicam predominância da comercialização de hortaliças, verduras e frutas, com origem diversificada entre produção própria, fornecedores ou ambas. Observou-se que a definição da quantidade de produtos levados à feira baseia-se majoritariamente na disponibilidade do estoque ou conforme a demanda observada. Quanto ao manejo das sobras, a doação destacou-se como principal estratégia, seguida por promoções e reaproveitamento, revelando práticas informais que contribuem para a redução do desperdício. Conclui-se que a feira do Bairro Brasil mantém sua relevância econômica, social e cultural, apresentando potencial significativo na mitigação de perdas alimentares, embora careça de políticas públicas específicas de redistribuição e aproveitamento de excedentes.

Recebido: 20/12/2025

Aceito: 03/03/2026

Publicado: 12/03/2026

Editor Principal

Alan Mario Zuffo



Copyright: © 2023. Creative Commons Attribution license: [CC BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Para citação: Gomes-Vieira, N. M.; Freitas, A. M.; Martinez, R. A. (2026). Usos e reaproveitamentos de produtos não vendidos em uma feira popular de Vitória da Conquista, BA. Trends in Agricultural and Environmental Sciences, (e260001), DOI: 10.46420/TAES.e260001



Palavras-chave: Segurança Alimentar; Agricultura familiar; Cultura alimentar; Sustentabilidade.

1. Introdução

As feiras livres movimentam a economia local, sendo um ambiente historicamente utilizado para troca e venda de mercadoria, capaz de manter a cultura popular e saberes tradicionais referente aos produtos que em sua maioria são alimentos, além de ser um espaço de convivência e sociabilidade. Isso significa que em cidades pequenas as feiras são responsáveis por estimular tanto o desenvolvimento da economia, quanto o social (Bonfim & Gomes, 2016). Na história, estes locais originaram-se como espaços de comercialização de produtos para a subsistência da comunidade, surgindo junto com a vida em sociedade e a necessidade da troca de produtos entre diferentes grupos (Ibdaiwi *et al.*, 2023). Desde seu processo de criação, as feiras estão

conectadas com a agricultura familiar, sendo consideradas uma ponte entre o campo e os centros urbanos.

Com a expansão das cidades e aparecimento de redes de supermercados, que passaram a vender produtos *in natura* como frutas, verduras e hortaliças, além de produtos não perecíveis, os consumidores passaram a ter a comodidade de comprar tudo em um único lugar. Nesse contexto, as feiras livres resistem, fomentando a alimentação saudável, fresca e mantendo tradições reconhecidas como necessárias para a promoção da segurança alimentar no “Guia Alimentar para a População Brasileira” (Ministério da Saúde, 2014). Estes comércios, mesmo pequenos, possuem relevância econômica, uma vez que são uma forma de inserir os produtores no mercado de trabalho, possibilitando autonomia nos processos de comercialização (Bittencourt; Caliarí, 2021). Apesar do agito da vida das cidades, os consumidores têm procurado opções de alimentos sem uso de químicos e se preocupado mais com a origem dos seus alimentos. Nesse caminho, as feiras podem ser vistas como um espaço que proporciona uma alimentação de qualidade e saudável através dos seus produtos (Mascarenhas & Mascarenhas, 2019; Nascimento et al., 2020).

Em sua maioria, os produtos comercializados nas feiras são *in natura* e perecíveis, o que torna o processo da sua preservação desafiador, uma vez que por fatores ambientais como calor e umidade a qualidade dos produtos pode ser comprometida. Isso leva o comerciante a perder uma quantidade variável de alimentos, reduzindo a disponibilidade e comprometendo a sua renda. Além disso, esse desperdício gera um impacto ambiental e dificulta o enfrentamento à insegurança alimentar (Cansanção; Dias; Júnior, 2024).

A FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) indicou que caso o desperdício de alimentos se mantenha no ritmo acelerado do século XXI, será necessário produzir 50% a mais para alimentar a população humana, provocando aumento das emissões de carbono e gerando cada vez mais impactos (FAO *et al.*, 2020). O desperdício de alimentos constitui um desafio global e integra diretamente a agenda dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o ODS 12, que trata da produção e consumo responsáveis. Esse objetivo enfatiza a necessidade de reduzir perdas ao longo de toda a cadeia produtiva, desde o cultivo e transporte até a distribuição e o consumo final. Além de outros objetivos como Fome zero e Agricultura sustentável (Barbalho, 2023). Nesse contexto, diminuir o volume de alimentos descartados nas feiras livres torna-se fundamental. Cansanção e colaboradores (2024) reforçam o papel fundamental dos comerciantes das feiras, afirmando que mesmo com programas como o “Mais Brasil” que coleta produtos excedentes nas feiras, os feirantes em sua essência já realizam ações que promovem segurança alimentar para os mais necessitados e marginalizados.

No município de Vitória da Conquista, as feiras livres tiveram origem no início do século XX. O primeiro registro remonta a 1911, quando a feira funcionava em uma praça central da cidade, então conhecida como Rua Grande, local que corresponde atualmente à Praça Barão do Rio Branco (Pereira, 2013). Esse espaço desempenhava um papel central na dinâmica cotidiana da cidade nascente. Era ali que as pessoas se encontravam para efetuar trocas, adquirir alimentos e socializar, de modo que a Rua Grande se consolidou como um dos principais pontos de referência para o comércio popular (Pereira, 2013). Atualmente as feiras livres da cidade estão concentradas nos bairros Brasil, Alto Maron, Vila América, Urbis V, Urbis VI e Patagônia, além do centro da cidade. A secretaria municipal de serviços públicos indica que há mais de mil boxes distribuídos nessas feiras, que carregam anos de tradição no município. Entre esses espaços, destaca-se a feira localizada na zona oeste, popularmente conhecida como Mercado Municipal do Bairro Brasil ou feira do Bairro Brasil, criada no final da década de 1980 e amplamente reconhecida como um importante polo de cultura, segurança alimentar e comércio. No entanto,

sua origem remonta a um processo anterior: os primeiros relatos de atividade comercial na área surgem ainda na década de 1940, quando o crescimento populacional da região e a distância em relação ao centro motivaram moradores a organizarem seus próprios pontos de venda, buscando autonomia no abastecimento cotidiano (Bonfim e Gomes, 2015). Atualmente, seu principal fluxo ocorre nos fins de semana, especialmente aos domingos, quando o movimento começa ainda de madrugada.

Levando em conta a relevância desta feira para o município e da importância de se discutir a garantia da segurança alimentar, o presente trabalho como objetivo analisar a origem dos alimentos e o destino dado pelos feirantes aos produtos não comercializados ao final das feiras de fim de semana no Mercado Municipal do bairro Brasil, em Vitória da Conquista, Bahia. Busca-se i) identificar se os produtos comercializados são produzidos pelos próprios feirantes ou adquiridos de terceiros e se consideram; ii) verificar as práticas adotadas pelos feirantes para o descarte, reaproveitamento ou doação dos produtos não comercializados e iii) identificar os principais produtos descartados provenientes da feira livre.

2. Material e Métodos

A pesquisa foi realizada no município de Vitória da Conquista, sudoeste da Bahia, que possui aproximadamente 396.613 habitantes de acordo com dados do IBGE (IBGE, 2022). O bairro Brasil, na zona oeste da cidade, é considerado um bairro tradicional em Vitória da Conquista e está entre os dez mais populosos. A feira no mercado municipal do bairro Brasil (Figura 1) ocorre todos os dias da semana, mas se destaca aos finais de semana, principalmente aos domingos. Os alimentos comercializados no local vão desde produtos provenientes do campo como frutas, verduras e hortaliças até refeições para consumo no local. Para o presente estudo, escolheram-se apenas produtos *in natura*.

Quanto à sua abordagem, a pesquisa é classificada como qualitativa de caráter exploratório. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas (Gil, 2008), no intuito de saber sobre a venda, produção e distribuição dos produtos comercializados na feira do bairro Brasil, bem como observações diretas e registro fotográfico do espaço. A entrevista incluiu questões sobre o perfil dos feirantes (idade, sexo, local de residência, tempo de atuação e tipo de produto comercializado), bem como sobre a origem, o volume e a dinâmica de comercialização das mercadorias. Foram abordadas ainda a ocorrência de sobras, os produtos com maior frequência de excedentes, as estratégias adotadas para redução do desperdício e a destinação final dos produtos não comercializados. O instrumento foi aplicado junto a feirantes e produtores locais, buscando captar informações sobre o funcionamento da feira, as estratégias de comercialização, e, em especial, o destino dos produtos que não são vendidos ao final do dia, ou seja, o que sobra após o encerramento das atividades.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, durante o domingo, que é o principal dia de funcionamento da feira, entre os meses de outubro a novembro de 2025, garantindo a participação de diferentes perfis de comerciantes. Os critérios de inclusão estabelecidos foram: i) comercializar produtos *in natura* na feira do bairro Brasil; ii) ser feirante há no mínimo seis anos (desde o período pré-pandemia). Para a seleção dos participantes, foi utilizado a técnica de amostragem não probabilística intencional. Sendo assim, foram selecionados aqueles que se disponibilizaram a participar da pesquisa e atenderam o critério de inclusão. Não foram coletados dados de tipo pessoal nem informações que permitissem reconhecer os entrevistados de nenhuma forma, garantindo o anonimato necessário.

As respostas foram registradas manualmente e posteriormente organizadas e analisadas de forma descritiva aplicando o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977).

Conforme sugerido por Bardin, inicialmente realizamos a análise pré-exploratória dos dados, seguida pela categorização e posterior análise em si dos padrões observados. As categorias foram construídas de forma indutiva, a partir da recorrência de sentidos nas falas dos participantes, buscando identificar padrões relacionados às estratégias de redução de desperdício e à destinação dos produtos não comercializados.



Figura 1. Vista aérea do mercado municipal do bairro Brasil destacada em vermelho. **Fonte:** Google Maps com adaptação das autoras

3. Resultados

Foram realizadas 18 entrevistas na Feira livre do Bairro Brasil em Vitória da Conquista - BA. Os participantes tinham entre 35 e 70 anos (média= 51 anos), e apresentaram tempo médio de atuação na feira de 25 anos. A maior parte dos entrevistados reside na zona rural (63%), enquanto 37% vivem na zona urbana de Vitória da Conquista. Em relação aos produtos comercializados, predominam hortaliças e verduras (42%), seguidas por frutas (26%) e pela combinação de frutas e hortaliças/verduras (32%). A origem dos alimentos varia entre produção própria (47%), fornecedores (42%) ou ambas as fontes (11%). Neste último caso, o feirante comercializa simultaneamente produtos cultivados por ele e outros adquiridos de fornecedores, essa prática é frequente entre produtores de hortaliças que complementam sua oferta com verduras compradas de terceiros. Os feirantes relataram maior movimento de vendas principalmente aos sábados e domingos, indicando que o fluxo de consumidores se concentra no final de semana.

Sobre as estratégias adotadas pelos feirantes para definir a quantidade de produtos levados à feira, observamos que a estratégia mais comum foi a de manter uma quantidade fixa ou baseada no estoque disponível, mencionada por 10 entrevistados (55,56%). Nesse caso, os feirantes afirmam simplesmente “trazer o que têm” ou seguir uma quantidade já estabelecida, indicando que a oferta costuma ser guiada pela produção e pela disponibilidade do dia, mais do que por estimativas de demanda. Uma parcela considerável dos participantes, representando 33,33% (6 feirantes), adota uma abordagem flexível, ajustando a quantidade conforme as vendas da semana anterior ou conforme a expectativa de movimento, incluindo reduções estratégicas quando percebem que o fluxo de compradores está menor. Em proporções bem menores aparecem estratégias não planejadas ou respostas em que os participantes não souberam informar (5,56% cada), sugerindo que a grande maioria segue algum critério para decidir quanto levar, enquanto apenas poucos operam sem um método específico.

Sobre o manejo das sobras, os entrevistados relataram um conjunto de estratégias que visam reduzir perdas ao final da feira. A doação para vizinhos ou consumidores eventuais foi a prática mais mencionada, funcionando como a principal alternativa quando há sobras. Outra estratégia comum é a realização de promoções no fim do expediente (a partir das 11h da manhã), reduzindo o preço dos produtos mais perecíveis para acelerar a venda antes que se deteriore. Os feirantes costumam agrupar os itens em bacias de preço único (figura 2). Parte dos feirantes também utiliza as sobras para alimentação de animais, sobretudo quando se trata de hortaliças e frutas (figura 3). Em menor proporção, alguns participantes mencionaram levar o excedente para comercialização em outras feiras durante a semana, prática que depende tanto da qualidade remanescente dos itens quanto da associação desse feirante à outras feiras da cidade como o CEASA, que foi a feira mais mencionada como segundo ponto de venda pelos feirantes.

Os alimentos mais frequentemente mencionados como perdas decorrentes da não comercialização foram tomate, que apresentou a maior frequência de menções (18,2%), seguido por banana e pelo grupo de outras verduras (ambos com 15,2%). A categoria outras verduras incluiu maxixe, abóbora, chuchu e pepino, produtos que foram citados uma única vez cada. As categorias hortaliças e outras frutas também apresentaram valores expressivos (12,1% cada). O grupo de outras frutas foi composto por uva e goiaba, igualmente mencionadas apenas uma vez. Mamão, pimentão e manga apresentaram frequências intermediárias (9,1% cada).

No que diz respeito às vendas nos últimos 6 anos (tendo a pandemia como marcador temporal), os relatos dos feirantes indicam um cenário marcado predominantemente por redução do movimento e diminuição da clientela. A maior parte dos entrevistados (44,44%, 8 pessoas) afirmou ter enfrentado queda nas vendas, descrevendo situações como “perdeu muito cliente” e “antes vendia mais”. Uma parte considerável desses feirantes associou explicitamente essa redução à abertura de um novo mercado atacadista instalado a poucos metros da feira, cuja presença tem atraído consumidores e ampliado a competição direta no entorno imediato. Apesar desse predomínio de relatos negativos, um grupo significativo (33,33%, 6 pessoas) mencionou que suas vendas permaneceram estáveis, classificando o período pós-pandemia como “igual”. Em menor proporção, 16,67% dos entrevistados (3 feirantes) relataram aumento nas vendas.



Figura 2: Bacias de frutas e verduras comercializadas na feira do bairro Brasil no município de Vitória da Conquista. **Fonte:** Autoria própria.



Figura 3: Sobras de manga sendo recolhidas na feira do bairro Brasil em Vitória da Conquista-BA. **Fonte:** Autoria própria

4. Discussão

A partir dessa pesquisa foi possível traçar um perfil de parte dos feirantes da feira do bairro Brasil em Vitória da Conquista (BA) e assim entender como funciona o abastecimento, venda e destino de alimentos excedentes. O que se pode notar através dessa pesquisa é que os comerciantes possuem uma história de longa data com a feira em alguns relatos essa história se passa de pai para filho. Observou-se uma predominância de produtores com média de idade mais elevada e tempo médio de atuação de 25 anos, o que reforça a ideia de continuidade e estabilidade nas relações estabelecidas nesse ambiente. Estudos sobre feiras livres no Brasil têm enfatizado o papel desses espaços não apenas como canais de comercialização, mas também como ambientes socioculturais que sustentam práticas tradicionais de produção e relações sociais duradouras. Pesquisas em feiras de diferentes regiões mostram que a diversidade de produtos ofertados e a presença de agricultores familiares contribuem para a manutenção de hábitos alimentares territorializados, geração de renda e fortalecimento das identidades locais (Cruz et al., 2020; Mina Padula & Da Silva Shicchi, 2023). A participação nos circuitos curtos de comercialização, como feiras livres, tem sido apontada como alternativa relevante para agricultores familiares, reforçando não apenas a função econômica desses mercados, mas seu valor social e cultural enquanto espaços de sociabilidade e transmissão de saberes entre gerações (Verano et al. 2021). A presença expressiva de produtores que cultivam parte dos alimentos comercializados (47%) reforça o papel das feiras como pontos de conexão direta entre agricultores e consumidores. Essa dinâmica fortalece relações de confiança, valoriza práticas tradicionais e aumenta a transparência sobre a origem dos produtos, características amplamente destacadas pela literatura sobre circuitos curtos e mercados territoriais (Minha terra, 2025).

Essa autonomia de venda daquilo que produz tem destaque para as hortaliças vendidas na feira do Bairro Brasil. Em diversos relatos, as hortaliças comercializadas são provenientes do bairro rural de Lagoa das Flores, reconhecida pela forte tradição horticultura. A produção local é significativa, abastecendo não apenas as feiras de Vitória da Conquista, mas também mercados de municípios vizinhos (Souza et al., 2017). Esse cenário evidencia a relevância desse território para o fornecimento de hortaliças e, conseqüentemente, para a segurança alimentar da população da cidade. Outras regiões também foram citadas pelos entrevistados como Pradoso e Campinhos que também são áreas rurais da cidade, além de Barra do Choça, município vizinho. Essa dinâmica é coerente com discussões recentes sobre sistemas alimentares de proximidade, que destacam o papel estratégico dos territórios agrícolas periurbanos no fornecimento contínuo de alimentos às cidades. Esses territórios funcionam como áreas-chave para garantir quantidade, diversidade e qualidade dos produtos agroalimentares, além de reduzir distâncias entre produção e consumo. A literatura ressalta que esse tipo de organização cria relações de interdependência entre zonas rurais e urbanas, fortalecendo a segurança e a soberania alimentar e destacando a necessidade de políticas que valorizem a produção local e estimulem o consumo regional (Minha terra, 2025). Outro ponto que foi significativo nas entrevistas foi o fato de quase 45% dos entrevistados afirmarem não utilizar nenhum produto sintético ou qualquer outro tipo de agrotóxico em sua produção, considerando aqueles que produzem 50% ou 100% dos produtos vendidos na feira. Outro aspecto considerado relevante na produção e comercialização para os feirantes é a questão do clima que é um debate recorrente e cada vez mais urgente pois já se sabe que a temperatura do planeta está em constante mudança como ondas de calor, inundações, secas entre outros que podem acabar afetando não só as populações como também a própria produção de alimento (Alpino et al. 2022) alguns comerciantes afirmaram que no verão acabam perdendo um pouco mais da sua produção já outros afirmaram que no inverno por exemplo é ruim para a comercialização de hortaliças.

As estratégias adotadas pelos feirantes para o manejo das sobras evidenciam um conjunto de práticas que podem ser consideradas como mecanismos informais de redução de perdas e

desperdício de alimentos. A doação de produtos remanescentes, a realização de promoções no final do expediente, o aproveitamento para alimentação animal e a comercialização em outras feiras configuram alternativas que buscam minimizar prejuízos econômicos e evitar o descarte de alimentos ainda próprios para consumo. Tais práticas reforçam o papel das feiras livres como espaços onde a tomada de decisões ocorre de acordo com a dinâmica do dia, em resposta direta às condições do dia de venda (Sato, 2007).

Entre as estratégias de manejo das sobras adotadas pelos feirantes, a doação de alimentos emerge como uma das práticas mais recorrentes. A destinação dos produtos não comercializados para vizinhos, consumidores ocasionais ou pessoas em situação de vulnerabilidade evidencia que a feira extrapola as relações de compra e venda atuando também como um espaço de solidariedade e redistribuição de alimentos. Do ponto de vista da segurança alimentar, a doação de alimentos ainda próprios para consumo é uma estratégia simples e eficaz para ampliar o acesso a alimentos frescos, especialmente em áreas urbanas marcadas por desigualdades sociais. Nas feiras livres e mercados tradicionais, a proximidade entre produtores, vendedores e consumidores facilita esse processo, permitindo que alimentos que não foram vendidos sejam repassados rapidamente a outras pessoas. Apesar de quase todos entrevistados doarem e não descartarem os alimentos, não foi citado nenhum programa de governo ou grupo municipal que eles participem para a coleta de sobra de alimentos, o que pôde ser notado também na própria feira são lixeiras da prefeitura e também lixeiras nas barracas de comida e há também uma caixa compactadora de lixo instalada pela prefeitura.

A redução do desperdício de alimentos ao longo da cadeia de abastecimento é uma estratégia central para o enfrentamento da fome e da insegurança alimentar, especialmente em contextos urbanos marcados por desigualdades sociais. Estima-se que uma parcela significativa dos alimentos atualmente desperdiçados poderia ser reaproveitada por meio de sistemas mais eficientes de redistribuição, ampliando o acesso a alimentos frescos para populações vulneráveis (Saranghi et al. 2024). Portanto, tanto a doação quanto a destinação para alimentação animal devem ser compreendidas como estratégias adaptativas relevantes, mas também como indicadores das limitações estruturais que caracterizam o funcionamento das feiras livres. O fortalecimento dessas práticas, especialmente da doação para consumo humano, demanda ações institucionais que promovam infraestrutura mínima, capacitação técnica e articulação com programas de segurança alimentar, como bancos de alimentos e cozinhas comunitárias. Tais iniciativas poderiam ampliar o alcance social dessas estratégias, reduzindo perdas e potencializando o papel das feiras livres na promoção de sistemas alimentares mais justos e sustentáveis. No contexto brasileiro, iniciativas como o Programa Mesa Brasil SESC e a Rede Brasileira de Bancos de Alimentos têm atuado na recuperação e redistribuição de alimentos excedentes provenientes de supermercados, atacadistas e produtores, contribuindo para a redução do desperdício e o enfrentamento da insegurança alimentar (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2024). Um exemplo é o Banco de Alimentos da CEASA-Pará, implantado em 2023, que articula a redução do desperdício de alimentos com ações de segurança alimentar e sustentabilidade ambiental, alcançando milhares de famílias na região metropolitana de Belém por meio da arrecadação e redistribuição de alimentos que seriam descartados (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, 2023). Iniciativas semelhantes em outras CEASAs e centros urbanos evidenciam que, quando há articulação institucional, as sobras alimentares podem ser redistribuídas de maneira efetiva para atender populações em vulnerabilidade.

Em Vitória da Conquista existem registros de políticas e programas voltados à segurança alimentar e à redução do desperdício, embora ainda não se identifique, até o momento, um banco de alimentos municipal dedicado especificamente à redistribuição de excedentes de feiras

livres. Nos últimos anos, o município tem recebido investimentos em cozinhas comunitárias e solidárias em parceria com o Governo do Estado e organizações civis, voltadas à preparação e distribuição de refeições para famílias em situação de vulnerabilidade, o que fortalece a política local de segurança alimentar e nutricional (Governo do Estado da Bahia, 2025). Além disso, a Prefeitura tem participado da estratégia nacional Alimenta Cidades, promovendo oficinas, visitas técnicas e debates com o objetivo de articular políticas públicas integradas para territórios periféricos, e mantém chamamentos públicos ligados ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que estimulam a compra de produtos da agricultura familiar (Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, 2024; 2025). Apesar dessas ações relevantes, a ausência de um programa municipal específico de coleta e redistribuição de sobras de feiras livres indica uma lacuna institucional onde as feiras continuam dependentes de arranjos informais entre feirantes e consumidores para o reaproveitamento de excedentes alimentares. Esse cenário reforça a necessidade de articulações municipais capazes de integrar a dinâmica local das feiras às políticas estruturadas de recuperação e distribuição de alimentos.

Os relatos de parte significativa dos feirantes indicam que, nos últimos anos, houve redução no movimento e perda de clientela na feira estudada. Esse cenário tem sido associado à instalação de um mercado atacadista a poucos metros da feira, representando uma mudança estrutural relevante na dinâmica local de comercialização. Processos semelhantes têm sido descritos na literatura como efeitos da expansão do varejo alimentar moderno, fenômeno denominado como “supermercadação” (Bezerra e Agner, 2025), que opera em grande escala, com forte competitividade de preços e foco no volume e na conveniência, deslocando parte da demanda anteriormente atendida por mercados tradicionais (Agner, 2024). Apesar desse contexto de concorrência crescente, as feiras livres continuam representando um modo de venda e consumo distinto daquele observado em grandes varejistas e atacadistas. Nesses espaços, o consumo não se restringe à aquisição de alimentos, mas envolve relações de proximidade, confiança e socialização, características amplamente descritas para mercados de base local e sistemas alimentares territorializados (Lima Martins et al., 2021). As decisões sobre a quantidade de produtos ofertados não são pautadas exclusivamente pela maximização das vendas, mas também pela preocupação em evitar desperdícios e prejuízos, como evidenciado nas falas de alguns dos feirantes entrevistados. Apesar de hoje as feiras terem grandes concorrentes como por exemplo atacarejos e outros comércios maiores ainda sim esse tipo de comercio consegue ir de encontro a ideia de decrescimento apresentada por Latouche (2012) que é justamente a ideia de ir contra ao crescimento descontrolado pensando no planeta não como um recurso ilimitado, mas como se pode viver em equilíbrio com o produzir e o consumir.

As feiras livres movimentam não só o comércio, mas também o bairro ao entorno onde acontece, não apenas os feirantes conseguem vender, mas também quem possui algum comércio no entorno que também acaba sendo afetado de forma positiva já que essa movimentação pode também movimentar o comercio de cada um como é o caso da feira do Bairro Brasil que também possui outros comércios no entorno da mesma e alguns abrem nos dias mais movimentado da feira, dessa maneira a feira ela não acontece de forma isolada, mas de forma que indiretamente pode contribuir para outros comércios possibilitando uma rede de troca entre cada um. Conforme discutido por Santos (2008), mercados populares desempenham papel central no chamado circuito inferior da economia urbana, promovendo redes de troca e interdependência entre pequenos agentes econômicos. No caso da feira do Bairro Brasil, observa-se que o funcionamento da feira impulsiona outros estabelecimentos locais, ampliando seus efeitos econômicos e sociais para além do espaço estritamente comercial.

Em conclusão, a feira do Bairro Brasil configura-se como um espaço central para o abastecimento alimentar, a sociabilidade e a economia local em Vitória da Conquista. A predominância de feirantes com longa trajetória e vínculos familiares com a atividade reforça a

continuidade histórica e cultural desse mercado, bem como sua importância para os circuitos curtos de comercialização e para a valorização da produção periurbana. As estratégias informais adotadas para o manejo das sobras, como doação, promoções e reaproveitamento, evidenciam a flexibilidade das feiras livres e seu potencial na redução de perdas e desperdício de alimentos, ainda que limitadas pela ausência de políticas municipais específicas de redistribuição. Apesar da concorrência crescente com o varejo atacadista e da redução de vendas relatada por alguns comerciantes, a feira mantém um modelo de comercialização baseado em relações de proximidade, cuidado com o desperdício e dinamização do bairro, atuando como parte relevante da economia urbana local. Por fim, destaca-se a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem os fatores que orientam a especialização produtiva dos feirantes, contribuindo para uma compreensão mais ampla da organização e resiliência das feiras livres. Paralelamente, torna-se fundamental a implementação de ações voltadas ao fortalecimento desses trabalhadores na região, como a criação de bancos municipais de alimentos, que possam atuar de forma articulada com iniciativas já existentes, a exemplo do Programa Alimenta Cidades, promovido pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. A integração entre políticas públicas e as feiras livres pode favorecer a redução de perdas, ampliar a segurança alimentar e fortalecer os circuitos curtos de comercialização, contribuindo para que, mesmo diante das transformações urbanas e das mudanças no perfil dos feirantes, as feiras livres continuem existindo, se adaptando e se reinventando como espaços econômicos, sociais e culturais fundamentais.

5. Referências

- Alpino, T. de M. A., Mazoto, M. L., Barros, D. C. de, & Freitas, C. M. de. (2022). Os impactos das mudanças climáticas na Segurança Alimentar e Nutricional: Uma revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 273–286. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202271.05972020>
- Agner, M, R. Abastecimento alimentar urbano na América Latina: impactos socioespaciais da expansão dos supermercados. 2024. 284 f., il. *Tese* (Doutorado em Geografia), Universidade de Brasília, Brasília, 2024. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/52073/1/2024_MarceloRamalhoAgner_TESE.pdf
- Barbalho, L, D. Perdas e desperdício em hortaliças e frutas: o caso das feiras-livres e CEASA do Distrito Federal. 2023. 58 f., il. *Dissertação* (Mestrado em Agronegócios), Universidade de Brasília, Brasília, 2023. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/50573>
- Bezerra, J. E., & Agner, M. R. (2025). O abastecimento alimentar urbano na América Latina: Uma análise do processo de supermercadização. In J. I. Plaza Gutiérrez, I. Sánchez Ondoño & J. Moreno Arriba (Coords.), *América Latina: paradigmas, procesos y desafíos en un contexto de cambios (hiper)acelerados* (pp. 287–298). Editorial (ISBN 978-84-128925-9-8).
- Bittencourt, B. D., & Caliani, M. (2021). Feiras livres de Goiânia – Goiás – Brasil: estudo sobre a participação de feirantes agricultores familiares. *Humanidades & Inovação*, 8(57), 228–243.
- Bomfim, L. A., & Gomes, A. F. (2015). Gestão na feira do interior: estudo na feirinha do bairro Brasil, Vitória da Conquista. *Revista Brasileira de Administração Política*, 8(1):101-122
- Cansanção, A. S. da C., Dias, J. M. M., & Júnior, W. de L. M. (2024). A feira livre como mola propulsora da segurança alimentar e nutricional. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 17(10), e11722–e11722. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.10-230>
- Cruz, M. S. da, Ribeiro, E. M., Perondi, M. Â., Oliveira, D. C. de, & Costa, H. de M. (2020). Agricultura familiar, feiras livres e feirantes do Alto Jequitinhonha. *Revista Campo-Território*, 15(35 Abr.), 90–120. <https://doi.org/10.14393/RCT153504>
- FAO, FIDA, OMS, PMA y UNICEF. 2020. El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2020. Transformación de los sistemas alimentarios para que promuevan dietas asequibles y saludables. Roma, *FAO*. <https://doi.org/10.4060/ca9692es>
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social (6. ed.). Atlas.

Governo Do Estado Da Bahia. (2025). Seades inaugura Cozinha Solidária e reforça segurança alimentar em Vitória da Conquista. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/comunicacao/noticias/2025-03/366322/seades-inaugura-cozinha-solidaria-e-reforca-seguranca-alimentar-em-vitoria>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Ibdaiwi, T., Roubuste, L., Dorr, C., Braz, M., & Simon, M. (2023). Entre o campo e a cidade: as feiras livres. Em J. S. D. Sousa, *A Economia do Desenvolvimento: Do crescimento econômico ao desenvolvimento sustentável* (1º ed., p. 100–116). Editora Científica Digital. <https://doi.org/10.37885/221110816>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Censo Demográfico de 2022: População e Domicílios.

Latouche, S. (2012). O decrescimento como condição de uma sociedade convivial. (Ano 10 - nº 166). *Cadernos IHU*, Instituto Humanitas Unisinos.

Lima Martins, S. K., Henrique Queiroz Pereira, M., & Cruz Porcino, D. (2021). A Feira é Livre: estudo sobre fenômenos sociais, símbolos e significados do cotidiano de uma feira da Bahia. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, 17, 110–120. <https://doi.org/10.14393/Hygeia17057222>

Mascarenhas, P. S. M., & Mascarenhas, P. H. C. (2019). Feiras orgânicas em Vitória Da Conquista: a conquista da cidadania e o respeito ao Meio Ambiente. *Anais do X Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental*.

Mina Padula, H., & Da Silva Schicchi, M. C. (2023). As feiras livres como lugares de memória: Estudo de caso da cidade de Rio Claro-SP. *XV Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo*, Lisboa-Recife, Junio-Septiembre 2023. <https://doi.org/10.5821/siuu.12767>

Minha Terra - Federação Portuguesa de Associações de Desenvolvimento Local. Sistemas Alimentares Territoriais, Cadeias Curtas de Abastecimento e Mercados Locais. *Editora Minha Terra*, 2025.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. (2014) Guia alimentar para a população brasileira: – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde.

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome.(2023) *Banco de Alimentos CEASA-Pará: Projeto de Preservação Ambiental e Segurança Alimentar e Nutricional*. Brasília: MDS/SESAN. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/aceso-a-alimentos-e-a-agua/rede-brasileira-de-bancos-de-alimentos/experiencias-exitosas/banco-de-alimentos-ceasa-para-projeto-de-preservacao-ambiental-e-seguranca-alimentar-e-nutr> .

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. (2024) *Banco de Alimentos: princípios, objetivos e diretrizes*. Brasília: MDS/SESAN. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/equipamentos-de-seguranca-alimentar-e-nutricional/banco-de-alimentos>. Acesso em: 12 nov. 2025.

Nascimento, S. G. da S., Hanke, D., Ávila, M. R. de, Rosa, M. A. T. da, & Vargas, D. (2020). Percepções sobre consumo e produção de alimentos: uma análise na feira livre de Dom Pedrito, RS. *Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável*, 10(1), 104–114. <https://doi.org/10.21206/rbas.v10i1.8164>

Pereira, F. (2013). A influência das grandes redes varejistas no comércio e na cidade: um estudo de caso sobre Vitória da Conquista. Universitat de Barcelona. <http://hdl.handle.net/10803/125060>

Prefeitura Municipal De Vitória Da Conquista (PMVC). (2025) Vitória da Conquista encerra oficina da Estratégia Alimenta Cidades com visita técnica a equipamentos municipais de segurança alimentar e nutricional. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/vitoria-da-conquista-encerra-oficina-da-estrategia-alimenta-cidades-com-visita-tecnica-a-equipamentos-municipais-de-seguranca-alimentar-e-nutricional/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Prefeitura Municipal De Vitória Da Conquista (PMVC). (2024) Prefeitura de Vitória da Conquista inicia Programa de Aquisição de Alimentos 2024 com incentivo à agricultura familiar. Vitória da Conquista. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/prefeitura-de-vitoria-da-conquista-inicia-programa-de-aquisicao-de-alimentos-2024-com-incentivo-a-agricultura-familiar/>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Santos, M. (2008) O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana. (2ª ed.). Editora da Universidade de São Paulo.

Sarangi, P. K., Pal, P., Singh, A. K., Sahoo, U. K., & Prus, P. (2024). Food waste to food security: Transition from bioresources to sustainability. *Resources*, 13(12), 164. <https://doi.org/10.3390/resources13120164>

Sato, L. (2007). Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 95–102. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400013>

Souza, V. R., Alves, E. O., Miranda, P. S., Brito, A. I. S., Sousa, L. S., & Oliveira, M. S. (2017). Origem de frutas e hortaliças comercializadas nas feiras livres e na CEASA do município de Vitória da Conquista–BA. *Anais da Semana de Agronomia da UESB*.

Verano, T. de C., Figueiredo, R. S., & Medina, G. da S. (2021). Agricultores familiares em canais curtos de comercialização: Uma análise quantitativa das feiras municipais. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59, e228830. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.228830>

6. Informações adicionais

6.1 Agradecimentos

Agradecemos a todos os feirantes que aceitaram participar da pesquisa e possibilitaram o desenvolvimento do artigo.

6.2 Conflitos de interesse

As autoras declaram que não há conflito de interesse.